

A fé e a vontade podem curar

O homem que venceu o câncer

A. E. Hotchner



A MARINHA talvez tenha maior significação para o Capitão-de-Corveta Edwin Miller Rosenberg do que para qualquer outro marinheiro atualmente em serviço. Êle falou sôbre a Marinha num tom de incontido entusiasmo, quando o visitei a bordo do destróier *Vogelgesang*, do qual é comandante. Enquanto escutava sua incrível e sugestiva história, eu o estudava; bela cabeça, corpo bem proporcionado, olhos resolutos. Ninguém poderia suspeitar que ali estava um homem que, aos 32 anos de idade, havia derrotado quatro investidas do câncer. Milagre? Não no modo de ver de Rosenberg.

Desde criança êle desejava tornar-se oficial de marinha e durante todo o tempo de escola preparou-se

para entrar na Academia Naval dos Estados Unidos. Não tinha influência, mas procurou aproximar-se de tôdas as pessoas importantes da sua cidade. Passou horas em salas de espera, escreveu cartas, conseguiu ser apresentado a chefes políticos e congressistas. Após

vários anos de sua ardorosa campanha, a cidade acabou convencendo-se de que não seria patriótico deixar de mandá-lo para a Academia Naval.

Rosenberg saiu oficial poucos dias depois de Pearl Harbor e foi designado para servir no *Omaha*, onde êle era o mais novo dos guardas-marinha. Em três anos de combate, aprendeu bem a sua função; tudo quanto dizia respeito ao navio fascinava-o.

«O que sempre desejei na vida,»

diz êle, «é ser um bom oficial de marinha, e eu sabia que isso significava aprender tudo sôbre a Marinha, inclusive as coisas do ar.»

O Comandante Rosenberg deixou o *Omaha* e foi para o Texas, a fim de iniciar um treinamento de vôo. Tinha-se casado em 1942, e sua mulher foi com êle. Rosenberg estava terminando o curso em Pensacola, quando, numa manhã de domingo, foi acometido por violenta dor de estômago. Tinha febre de 40 graus, o lado direito do abdome estava vermelho e inchado, e a dor era aguda. O diagnóstico provisório, no dispensário naval, foi de febre ondulante. Mas ao cabo de dez dias a febre baixou, a inchação desapareceu e êle voltou aos vôos de treinamento.

Em janeiro de 1945, recebeu o *brevet*. Entretanto, durante uma corrida de obstáculos, levou uma pancada na região inguinal e o ataque que sobreveio foi ainda mais grave que o primeiro. Teve febre alta, dores lombares, náuseas. Agora sabia que era um homem doente, mas estava resolvido a não ser pôsto fora de ação.

Estava embarcado no porta-aviões *Rudyard Bay* quando terminou a guerra. Sofrendo dor intensa e constante, não podia ficar direito em pé e vinha perdendo pêsos e energias. O médico de bordo estava preocupado, mas Rosenberg quis permanecer no navio enquanto êste continuasse em serviço.

O *Rudyard Bay* foi encostado em 1946, sendo Rosenberg internado no

Hospital Naval Chelsea, em Bóston. Dois dias depois, os cirurgiões retiraram-lhe um tumor do lado direito. Contaram-lhe então a amarga verdade. O tumor da virilha era maligno e tinham encontrado outro num rim. Iam proceder a uma cistoscopia para apurar a sua natureza.

—À simples menção da palavra «dor», diz Rosenberg, imediatamente penso naquele cistoscópio. Com certeza é com aquêle instrumento que êles vêem quem tem fibra e quem não tem.

Depois da cistoscopia, um médico da Marinha veio ao quarto de Rosenberg.

—O que lhe vou dizer não é fácil de ser dito, começou êle. Mas acredito que você gostaria de ouvi-lo à queima-roupa. Aquêle seu tumor do rim é canceroso. Acho que você não tem mais de umas duas semanas de vida. Em casos como o seu, emprega-se a radioterapia. Vamos mandá-lo para o Hospital Naval de Brooklyn, onde são especialistas em câncer.

Mais tarde, o médico voltou para perguntar a Rosenberg se êle desejava assistência jurídica para fazer testamento.

Naquela tarde, Rosenberg foi carregado para uma sala de aulas, a fim de ser apresentado como um caso de «câncer com tôdas as probabilidades de ser fatal». O professor afirmou: «Jovens como êste não podem ter mais que umas duas ou três semanas de vida.»

—Quando voltei para meu quarto, eu estava ficando louco, diz Rosenberg. Mandei chamar o médico. «Escute aqui», disse eu, «o dia inteiro ficam dizendo ‹Pobre Rosenberg, não há esperança.› A meu ver, quem tem de decidir sobre a esperança de cura sou eu, e não a medicina. Façam tudo que puderem e deixem a esperança por minha conta. O senhor diz que a irradiação é a única possibilidade—então que venha êsse raio X, para eu poder voltar ao serviço ativo. Que diabo de medo é êsse que assalta todo o mundo, assim que ouve a palavra câncer?»

«Eu sei como você se sente,» replicara o médico, «e você tem razão: não convém perder tempo; vamos fazer uma aplicação de raio X antes de você ir, esta noite, para o Hospital de Brooklyn. Mas é melhor deixar bem claro o seguinte: ainda que você vença o câncer, nunca ficará apto para continuar na Marinha. Nenhum doente de câncer jamais o conseguiu.»

«Vamos deixar a preocupação para a hora dela, replicou êle.»

Quando o médico saiu do quarto, Rosenberg curvou a cabeça e orou em silêncio e com fervor. Porque êle sempre tem encontrado forças na oração.

—Ninguém deve tentar avaliar a esperança de outra pessoa, diz êle, antes de lhe ouvir as orações.

A ORAÇÃO é uma fôrça tão real quanto a fôrça da gravidade. Como médico, tenho visto homens ficarem curados de doenças e tristezas pelo sereno esforço da oração, depois de terem fracassado tôdas as demais terapêuticas. Sòmente na oração alcançamos aquela completa e harmoniosa comunhão do corpo, mente e espírito que dá ao frágil ser humano a sua inabalável fôrça.

—Dr. Alexis Carrel, autor de *O Homem, Êsse Desconhecido*

Nas semanas seguintes, em Brooklyn, Rosenberg foi submetido a irradiações constantes. Todos os dias lhe injetavam corante no rim para poderem estudar o câncer. Depois de cada aplicação êle passava muito mal. Nem uma única vez deixou de falar com franqueza sobre a doença com sua mulher, que estava sempre ao seu lado. Nem foi chamado advogado algum para pôr em ordem os seus negócios.

Em três meses foi conseguido o «milagre». Os médicos ficaram maravilhados diante das chapas radiográficas, que mostravam que o tumor maligno havia desaparecido. Rosenberg sentia-se muito bem.

Pediu para voltar ao serviço ativo, mas a orientação seguida pela comissão encarregada do assunto, no hospital, consistia em incluir na lista dos reformados permanentes os doentes de câncer. Insistiu êle:

—Estou bem. Dêem-me uma oportunidade de recomeçar a vida onde eu havia parado.

A comissão fêz uma concessão:

êle tiraria uma licença de 30 dias e depois se estudariam os resultados de um minucioso exame físico. Terminada a licença, êle compareceu ao hospital, confiante na sua boa forma. Mas os médicos da Marinha encontraram um novo câncer—no pescoço. Quando voltou para o hospital a fim de fazer o tratamento de raio X, a vela da esperança de Rosenberg, com o pavio da oração, ardia com o mesmo brilho. O tumor canceroso foi contido, depois diminuiu aos poucos, e acabou sendo eliminado.

Dessa vez, entretanto, a comissão não transigiu. Assim sendo, em setembro de 1946 Rosenberg apelou para a comissão de reforma, em Washington.

«Sou um oficial de marinha bom demais para estar reformado», argumentou. «Se eu viver apenas um ano, pelo menos a Marinha terá tido um ano de serviços meus—ou então ficará pagando o meu soldo de reformado sem receber nada em troca.»

A comissão afirmou que não poderia basear-se numa possibilidade tão fraca. As estatísticas davam a Rosenberg uma expectativa de seis meses de vida.

—Aproveite os últimos dias para passar com a família, disseram-lhe.

—Que sou eu, uma estatística ou um ser humano? perguntou êle.

A comissão ficou compadecida. Êle devia submeter o assunto à autoridade máxima, a Junta de Medicina e Cirurgia. As seis semanas se-

guintes Rosenberg passou-as praticamente nas salas da Junta. Finalmente, conseguiu falar com um capitão que o aconselhou a ir para a Florida e deitar-se na praia.

—Eu não posso ficar esperando a morte sentado por aí, disse êle.

A sua perseverança deu resultado. Foi enviado ao Hospital Bethesda para um exame geral. Se passasse, poderia voltar à ativa.

Rosenberg orou como nunca tinha orado. No Hospital Bethesda, sofreu outra cistoscopia e foi submetido a uma longa série de provas. Os exames revelaram—pela quarta vez—câncer, na região do primeiro.

Ainda desta feita, Rosenberg não desanimou. Em março de 1947, êle teve alta novamente. Mas sabia que a reforma que lhe haviam impingido era definitiva. Tinha sido uma dolorosa batalha. E êle perdera.

Alugou uma casa em Annapolis e conseguiu um lugar de professor numa escola particular. Um ano depois tinha arranjado para lecionar marinhagem e navegação na Academia Naval. Todo ano, por ocasião do aniversário de sua reforma, êle escrevia uma carta ao Secretário da Marinha, contando-lhe que se encontrava em muito boa forma e pedindo para voltar ao serviço ativo.

Mas isso somente poderia acontecer mediante uma lei especial.

Durante semanas a fio, Rosenberg compareceu ao Senado. Um dia, durante uma pausa dos trabalhos, êle ficou conhecendo o Senador Hickenlooper, que, ao ouvir a

sua história, lhe prometeu apresentar o projeto de lei.

A 10 de julho de 1950, o original do projeto foi apresentado ao Comitê das Forças Armadas do Senado. Perguntaram a Rosenberg se queria fazer alguma declaração.

—Sr. Presidente, começou êle, numa voz quase embargada pela emoção, a Marinha é a minha vida e a minha alma. Não há mais nada no mundo que eu tenha vontade de fazer. Não acho direito que o país sustente um homem sadio para êle ficar sendo um inútil, e penso que, com a minha volta ao serviço ativo, o país terá conseguido um competente oficial de marinha. Tenho fé que, com o auxílio de Deus, ainda poderei, como tanto desejo, prestar mais uns 30 anos de serviço.

O projeto acabou passando no Senado. Rosenberg repetiu exaustivamente o processo de firme persuasão para conseguir que fôsse aprovado pela Câmara. A lei foi sancionada em 22 de agosto de 1950.

Depois de completar cursos de recapitulação, Rosenberg voltou ao serviço ativo, a bordo de um destróier que, quando o entrevistei, tinha retornado a Norfolk.

—Sinto-me bem e sou um homem feliz, disse-me êle. Tenho aqui em Norfolk uma bela casa, uma esposa encantadora e um filho de quatro anos. E estou embarcado num dos melhores navios em serviço.

Quando os jornais veicularam a história de minha cura, recebi montanhas de cartas vindas do mun-

«A HISTÓRIA do Capitão-de-Corveta Rosenberg é altamente sugestiva e deve trazer muita esperança e confôrto aos que sofrem do mesmo mal.

«Nós, da Marinha, estamos particularmente orgulhosos da épica batalha que o Comandante Rosenberg travou para derrotar a sua doença.» —*Dan A. Kimball,*
Secretário da Marinha dos Estados Unidos

do inteiro. Todos queriam saber que processo de cura do câncer eu tinha usado. Escrevi a cada uma dessas pessoas: creia em você mesmo e em Deus; êsse é o processo de cura, se quiser chamá-lo assim. O homem que desespera é uma vítima; o que não perde a esperança pode triunfar. Quando eu estava no Hospital Naval de Brooklyn, conversei com centenas de doentes que ali chegavam aguardando a morte, aterrizados por uma palavra: câncer.

Eu lhes perguntava se sabiam orar, prosseguiu, e quando não sabiam eu orava com êles e os ajudava a aprender. Bem cedo levantaram o seu moral e o câncer passou a ser apenas uma doença. Alguns daqueles homens morreram, mas muitos viveram, talvez porque se tinham tornado mais fortes do que o seu medo. Naquela manhã em Chelsea, em que o médico sugeriu que eu solicitasse assistência jurídica para pôr em ordem os meus negócios, se eu *tivesse* chamado um advogado, sei que hoje não estaria vivo.

O fogo sagrado

A ALMA em fogo é a maior arma do homem.

—Marechal Foch



PARA QUEM não tem um caso de amor, a vida é um fracasso. Aos 30, 40, 50, 60 ou 70 anos, quem não se levanta, de manhã, cheio de disposição para começar o dia perdeu algo que é o melhor de tudo que se possa ter.

No caos de mil inquietações, êsse amor é algo abençoado que nos permite esquecer tudo mais. É um apêlo profundo que nos anima a dar o máximo e o melhor de nosso esforço. É algo que nos enrija as fibras com fortaleza de ânimo e nos refresca os olhos com esperança. Que nos arranca do langor, da indiferença e do marasmo e adequadamente nos emprega e nos consome, de modo que todo o cabedal de nossa vida—sabedoria e experiência—se incendie e irradia luz, calor, ternura e a beleza e o rubro adejar da labareda.

— Stuart Sherman



EU nasço contente tôdas as manhãs.

— Edith Wharton



EM GERAL não é grande nem impressionante a diferença efetiva em habilidade, engenho e inteligência,

entre os que vencem e os que fracassam. Todavia, entre homens de predicados praticamente equivalentes, o entusiasta vê a balança inclinar-se a seu favor. Não raro o homem de capacidade secundária mas cheio de entusiasmo supera o de maior talento que não tenha entusiasmo. Êste significa, essencialmente, acreditar no nosso trabalho e apreciá-lo. Para um entusiasta, o trabalho tem sempre uma parcela de divertimento, por mais duro e difícil que possa ser.

—F. E. Williamson, em *The American Magazine*



ENQUANTO tivermos entusiasmo, não deixaremos de ser jovens.

—David Starr Jordan



É O ENTUSIASMO que move o mundo. Sem essa força motriz, nada de valor jamais se fêz. Alivia-nos as agruras da pobreza e o tédio da riqueza. Sem êle a alegria não sobrevive. Portanto, deve ser cultivado com zêlo e gasto com sabedoria. Desperdiçá-lo é loucura, empregá-lo mal, um desastre.

—Robert Haven Schauffler, em *The Atlantic Monthly*



NÃO gosto de ter homens experientes trabalhando para mim. O homem experiente vive a demonstrar-me que isso ou aquilo não pode ser feito. É sagaz; é inteligente; acha que sabe tudo. Aquêle que não teve experiência alguma é tão bôbo que não sabe que uma coisa não pode ser feita—e toca pra frente e a realiza.

— Charles F. Kettering